

Estudos Lingüísticos

A TEORIA DO ESQUEMA:¹ estendendo a compreensão do discurso além da Pragmática

Margarida Gandara Rauen

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar a Teoria do Esquema e discutir algumas consequências de sua incorporação à análise do discurso. Mostra a importância da utilização de esquemas no processo de decodificação do discurso.

É uma verdade axiomática que a compreensão do discurso não depende apenas de competência em Sintaxe, Semântica e Pragmática. Mesmo um leigo relutaria em negar, por exemplo, as dificuldades envolvidas na percepção de significados culturalmente específicos de uma linguagem, seja ela falada, escrita ou não-verbal. Limitações em termos de "background" podem causar problemas não apenas para falantes não-nativos, mas também para nativos cuja situação histórica esteja muito distante do texto.

A título de ilustração, diria que praticamente qualquer pessoa, em qualquer época, poderia entender as implicações trazidas pelo exílio de Romeu para o enredo de *Romeu e Julieta*, de W. Shakespeare. Um ator interpretando Romeu, contudo, pareceria mais convincente no seu papel se entendesse que o exílio, durante o século XVI, significava, além da separação da família e amigos, intensa degradação moral. Fora dos muros de Verona, Romeu jamais poderia ter sua plena identidade e status como um Montague, havendo de enfrentar a pobreza e o ostracismo.

Embora todo o acima exposto nos pareça óbvio, pesquisadores não haviam, até o final da década de 70, investigado

1 "Schema" (plural "schemata") é um termo técnico que vem sendo utilizado largamente por pesquisadores norte-americanos na área do Discurso para designar funções e relações além da forma do objeto lingüístico. Adoto, em português, a palavra *esquema* (cf. FERREIRA, A.B.H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. p. 573, e HABERMAS, J. (Dialética e hermenêutica. Trad. A.L.M.Valls. São Paulo, L & PM, 1988. p. 31. Valls, em sua tradução de Habermas, utiliza o termo "esquemas de interpretação").

a influência de conhecimentos genéricos na compreensão do discurso.

Agora, após uma década, pode-se sentir o grande impacto causado pela Teoria do Esquema, que continua motivando intensa pesquisa no exterior. O objetivo deste breve trabalho, com bibliografia seleta, é estimular, no meio de Letras brasileiro, maior preocupação com informação que me parece fundamental não só para avanços na análise do discurso, mas em metodologia de ensino de idiomas.

Teoria do Esquema: conceituação e justificativa

Um esquema é, no sentido mais amplo, conhecimento ou informação de um tipo específico. Anderson, Reynolds, Schallert & Goetz, bem como den Uyl e Van Oostendorp, compararam esquemas com as peças (componentes) de uma estrutura altamente organizada e que consiste de compartimentos (slots): se falta uma peça, ou se esta não é apropriada, o compartimento tanto pode permanecer vazio como ser preenchido de modo incorreto.² A idéia é simples, lembrando os recursos de transferência e generalização: um estrangeiro cuja cultura não inclui refeições como o "churrasco" não teria, simplesmente, esquema para decodificar a palavra. Já um norte-americano poderia utilizar seu esquema de "barbecue party", chegando a um significado parcialmente falso.

Passou-se a tratar conhecimentos genéricos como uma variável importante porque os modelos teóricos ortodoxos, cuja concepção da compreensão do discurso envolve um processo cognitivo crescente (bottom-up), são inadequados para explicar certos comportamentos. No caso de leitura, por exemplo, a posição tradicional (e.g., Gough; La Berge e Samuels), afirma que o decodificador trabalha a partir de símbolos, passando a palavras e sentenças para chegar ao significado.³ Mas há decodificadores cuja estratégia maior é a ativação de conhecimentos genéricos, numa ordem cronológica e/ou causal. Goodman e Anderson, portanto, defendem um modelo decrescente (top-down) da compreensão do discurso, onde informação sobre conteúdo emerge como mais

2 ANDERSON, R.C.; REYNOLDS, R.E.; SCHALLERT, D.L.; GOETZ, E.T. Frameworks for comprehending discourse. *American Educational Research Journal*, 14:387-82, 1977. DEN UYL, M. & OOSTEMDORP, H. The use of scripts in text comprehension. *Poetics*, 9:275-94. 1980.

3 GOUGH, P.B. One second of reading. In: KAVANAGH, J.F. & MATTINGLY, I.G., ed. *Language by eye and ear*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972. p. LA BERGE, D. & SAMUELS, S.J. Toward a theory of automatic information processing in reading. *Cognitive Psychology*, 6:293-323. 1974.

importante, ao passo que o encadeamento de símbolos e agrupamentos morfológicos revelam-se secundários.⁴

Tendências em pesquisa gerada pela Teoria do Esquema

Rumelhart, numa postura eclética, confirma as posições de Goodman e Anderson, demonstrando que o modelo crescente não explica o comportamento de colaboradores cuja percepção de palavras, durante um experimento, pareceu facilitada quando havia um meio sintático e semântico. Johnson, investigando os efeitos de complexidade do discurso e conhecimentos genéricos na compreensão de textos escritos, também confirma o modelo de cognição decrescente ao constatar que deficiências na formação cultural dos participantes prejudicaram mais o entendimento do que a complexidade semântica e sintática.⁵

Para Pearson e Spiro um esquema inclui toda a rede de associações que um evento, conceito ou idéia possui. Assim, se um texto (pragmaticamente falando) menciona casamento, por exemplo, o decodificador, sem descrições fornecidas pelo autor, é capaz de imaginar (conforme seu referencial cultural) detalhes relativos a ambiente, vestuário, ritual, etc... Carrell confirma a influência da formação cultural no processo de entendimento da mensagem: leituras cujo conteúdo era culturalmente familiar foram mais fáceis para os falantes não-nativos estudados.⁶ Aqui, facilidade se define em termos quantitativos ou como habilidade de lembrar informações do texto.

Muitos pesquisadores revelam que há resultados superiores no processo de compreensão do discurso, tanto escrito como oral, quando o decodificador possui conhecimentos genéricos adequados, em qualidade e quantidade.⁷ Hudson de-

4 GOODMAN, K.S. Behind the eye: what happens in reading. In: _____ & NILES, O.S., ed. *Reading: process and program*. Urbana, National Council of Teachers of English, 1970. p. ANDERSON, R.C. Schema-directed processes in language comprehension. In: LESGOLD, A.M. et alii. *Cognitive psychology and instruction*. New York, Plenum Press, 1978. p.

5 RUMELHART, D.E. Toward an interactive model of reading. In DORNIC, S., ed. *Attention and performance VI*. New York, Academic Press, 1977. JOHNSON, P. Effects on reading comprehension of language complexity and cultural background of a text. *TESOL Quarterly*, 15:69-81, 1981.

6 PEARSON, P.D. & SPIRO, R. The new buzz word in reading is schema. *Instructor*, 41:46-8, 1982. CARRELL, P.L. Background knowledge in second language comprehension. *Language Learning and Communication*, 2:25-33, 1983.

7 E.g. SPIRO, R.J. Prior knowledge and story processing: integration, selection, and variation. *Poetics*, 9:313-27, 1980. HARE, V.C. Preassessment of topical knowledge: a validation and extension. *Journal of Reading Behavior*, 14:77-85, 1982. LANGER, J.A. Examining background knowledge and text comprehension. *Reading Research Quarterly*, 19:468-81, 1984.

8 HUDSON, T. The effects of induced schemata on the "short circuit" in L2 reading: non-decoding factor in L2 reading performance. *Language Learning*, 32: 1-31, 1982. CARRELL, P.L. Facilitating ESL reading by teaching text structure. *TESOL Quarterly*, 19:727-51, 1985. SWAFFAR, J. *UK*.

fende o uso de atividades de “aquecimento” mental, exercícios visando a ativar ou fornecer esquemas, para enriquecer a experiência com o texto. Hudson recomenda a sessão de pré-leitura, principalmente, para os níveis básico e intermediário, constatando que o leitor em níveis avançados tende a ativar por si os esquemas de interpretação. Carrel já desenvolveu estratégias de identificação de esquemas necessários para a melhor compreensão de textos. Lentamente, como sugere Swaffar, o texto não pode mais ser visto à parte do leitor ou de um referencial esquemático.⁸

Implicações imediatas: os esquemas e a análise do discurso

A Teoria do Esquema, no sentido mais amplo, nos liberta de uma visão puramente pragmática do discurso, e, especialmente, da visão que atribui ao texto uma existência independente do decodificador. Mas ela nos obriga, além disso, a por em xeque diversas perguntas. Estarão os próprios analistas de discurso adequadamente dotados de esquemas para “experimentarem” com as diversas formas de texto? Tere-mos que, necessariamente, controlar a variável cultura em nossas investigações? Qual seria a maneira mais eficiente de suprirmos deficiências esquemáticas? Até que ponto podermos relacionar a não-efetivação de um objetivo pragmático com deficiências esquemáticas?

Talvez a Teoria do Esquema, aliada à Teoria Semiotica,⁹ venha a nos fornecer um modelo de análise do discurso mais próximo da “realidade”, por assim dizer. A necessidade de tal modelo é grande, porque nossas explicações lingüísticas e/ou pragmáticas já se revelaram limitadas mediante a complexidade do objeto textual.¹⁰ Acredito mesmo que nos encontramos tão fascinados com o *discurso*, seja ele expressivo, referencial, literário ou persuasivo¹¹ justamente porque o seu estudo nos coloca no cruzamento de linguagem e praxis, e na fronteira entre linguagem e meta-linguagem. E a chegada a essa fronteira foi uma consequência natural de nossa curiosidade, nosso espírito inquisitivo.

Aparentemente, então, precisaremos assumir uma postura dialética se quisermos nos superar. A síntese é um objetivo pretensioso, mas emerge como meio de transformação eficaz à medida que exploramos o limiar do conhecimento.

9 Q.v. BARROS, D.L.P. *Teoria do discurso*. São Paulo, Atual, 1988.

10 SEBASTIÃO UCHOA LEITE, em sua introdução à *Aventuras de Alice* (Carroll, Lewis, João Paulo, Summus Editorial, 1980, 3 ed.) considera, por exemplo, “o quanto a fantasia carrolliana está presa a um universo de referências... sendo... tão metaliterária quanto o *Ulysses* de James Joyce.” (p. 15) Desconhecer este referencial é ler hedonisticamente.

11 KINNEAVY, J.L. *A theory of discourse*. New York, Norton, 1971.

REFERÉNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANDERSON, R.C.; REYNOLDS, R.E.; SCHALLERT, D.L.; GOETZ, E.T. Frameworks for comprehending discourse. *American Educational Research Journal*, 14:367-82, 1977.
- 2 BARROS, D.L.P. *Teoria do discurso*. São Paulo, Atual, 1988.
- 3 CARRELL, P.L. Background knowledge in second language comprehension. *Language Learning and Communication*, 2:25-33, 1983.
- 4 ———. Facilitating ESL reading by teaching text structure. *TESOL Quarterly*, 19:727-51, 1985.
- 5 DEN UYL, M. & OOSTEMDORP, H. The use of scripts in text comprehension. *Poetics*, 9:275-94, 1980.
- 6 DORNIC, S., ed. *Attention and performance VI*. New York, Academic Press, 1977.
- 7 FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- 8 GOODMAN, K.S. & NILES, O.S., ed. *Reading: process and program*. Urbana, National Council of Teachers of English, 1970.
- 9 HABERMAS, J. *Dialética e hermenêutica*. Trad. A.L.M. Valls. São Paulo, L & PM, 1988.
- 10 HARE, V.C. Preassessment of topical knowledge: a validation and extension. *Journal of Reading Behavior*, 14:77-85, 1982.
- 11 HUDSON, T. The effects of induced schemata on the "short circuit" in L2 reading: non-decoding factors in L2 reading performance. *Language Learning*, 32:1-31, 1982.
- 12 JOHNSON, P. Effects on reading comprehension of language complexity and cultural background of a text. *TESOL Quarterly*, 15:169-81, 1981.
- 13 KAVANAGH, J.F. & MATTINGLY, I.G., ed. *Language by eye and ear*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1972.
- 14 KINNEAVY, J.L. *A theory of discourse*. New York, Norton, 1971.
- 15 LA BERGE, D. & SAMUELS, S.J. Toward a theory of automatic information processing in reading. *Cognitive Psychology*, 6:293-323, 1974.
- 16 LANGER, J.A. Examining background knowledge and text comprehension. *Reading Research Quarterly*, 19:468-81, 1984.
- 17 LESGOLD, A.M. et alii. *Cognitive psychology and instruction*. New York, Plenum Press, 1978.
- 18 PEARSON, P.D. & SPIRO, R. The new buzz word in reading is schema. *Instructor*, 41:46-8, 1982.
- 19 SPIRO, R.J. Prior knowledge and story processing: integration, selection, and variation. *Poetics*, 9:313-27, 1980.
- 20 SWAFFAR, J.K. Readers, texts, and second languages: The interactive processes. *The Modern Language Journal*, 72: 123-149, 1980.